

COLUNA

**PROFESSORES E ALUNOS EM PERSPECTIVAS AFRO-
 DECOLONIAIS: TEORIAS E PRÁTICAS ESCOLARES**

Rosemberg Ferracini

Às mulheres que organizaram e atuaram nesse evento.

**Assim como o racismo,
 o machismo precisa ser combatido!**

De início, registro meus agradecimentos ao trabalho editorial de Nágila Oliveira dos Santos e toda equipe da Revista África e Africanidades pela oportunidade em mostrar o meu trabalho. Esse texto vai abordar alguns temas no *II Colóquio Internacional Representações de africanos e pessoas de descendência africana nos manuais escolares* que ocorreu na cidade de Salvador e em São Francisco do Conde, entre os dias 21 e 26 de outubro. Minha fala nesse evento, *Inserir não é contemplar: A África na Geografia Escolar*, foi inspirada em Ferracini (2012¹). Aliada à minha apresentação vou procurar contextualizar algumas das abordagens teóricas, metodológicas e epistemológicas ocorridas no evento. Como proposta pedagógica, tem-se o referente de combate ao racismo, à colonização das ideias e à invisibilidade do negro, enquanto elementos históricos que fizeram parte do aprendizado alusivo aos elementos geopolíticos do conhecimento.



**II COLÓQUIO INTERNACIONAL
 WORKSHOP**

Representações de africanos e pessoas de descendência africana nos manuais escolares. Perspectivas afro-decoloniais. Visões Práticas e Teóricas

21 e 26 de outubro de 2019
 Bahia - Brasil
 UNILAB / Campus dos Malês
 São Francisco do Conde
 UNEB / Salvador

**2da edición del coloquio-workshop internacional
 Representaciones de los africanos y afrodescendientes en los
 manuales escolares. Perspectivas afrodecoloniales,
 visiones prácticas y teóricas**

21 de octubre al 26 de octubre de 2019 Bahia - Brasil
 UNILAB / Campus dos Malês São Francisco do Conde UNEB / Salvador

**IIème colloque international : Représentations des Africains
 et Afrodescendants dans les manuels scolaires. Perspectives
 afrodecoloniales : visions pratiques et théoriques**

Du 21 au 26 octobre 2019, Bahia - Brésil, Campus des Malês, São Francisco do Conde, UNEB / Salvador.



¹ FERRACINI, Rosemberg. *A África e suas representações no(s) livro(s) escolares de Geografia no Brasil: de 1890 a 2003*. Tese de Doutorado, FFLCH, USP, 2012. 229 p.
<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-30102012-111718/pt-br.php>,



Foto: Carlos Sene Indjai

É preciso lembrar que os primeiros passos desse exercício acadêmico ocorreram em 2015, por africanos e africanistas de diferentes países, reunidos com o apoio do Departamento de Estudos Ibéricos e Ibero-americanos da Universidade de Paris Nanterre. O objetivo foi desenvolver a reflexão nos estudos da afrodescendência abordado nos livros escolares por diferentes autores, passando por artistas, fotógrafos, educadores, escritores, professores, alunos e coordenadores pedagógicos. A proposta teve como meta debater o currículo oculto em sala de aula, indo além da produção existente nos materiais escolares. Dialogar com os diferentes autores e atores trouxe as possibilidades de abordagens de ensino e aprendizado de uma educação antirracista. Assim como, também, propor a elaboração e confecção de materiais didáticos que trouxessem um outro olhar além daquele colonizador, a fim de buscar uma descolonização curricular, visando um enfrentamento direto ao racismo.

Em maio de 2017, ocorreu o *I Colóquio* na Universidade Gaston Berger, em Saint-Louis-Senegal, com a participação de um público amplo da academia e da escola. No mais, as apresentações trouxeram abordagens descolonizadoras, contaram com a presença de participantes dos diferentes continentes e países, como; Angola, Brasil, Camarões, Colômbia, Costa do Marfim, Espanha, França, Gabão, Guiné Bissau, Itália, México, Moçambique e Senegal. Nesse sentido, posso dizer que a comunicação entre a Escola e a Universidade foi o grande ganho dessa atividade. Ainda tivemos falas que abordaram os sujeitos envolvidos na mudança do discurso filosófico, narrativas até então vistas como “universal”. Além do mais, os conhecimentos trazidos pelos professores do chão da escola recontextualizaram a produção dos saberes e de suas disciplinas. É importante pontuar que minha participação foi

discutir as proximidades teóricas curriculares e as disparidades praticadas – brasileiras –, com relação ao continente africano. Outrossim, problematizei que o passado colonial não acabou, apenas trocou de roupagem e necessita ser analisado com cuidado nas práticas de ensino e aprendizagem².



Foto: Carlos Sene Indjai

No mês de outubro de 2019, mediante uma bela parceria da Unilab (Campus Malês) e Uneb (Cepaia), tivemos a II edição do Colóquio, com uma rica programação. Dentre essas, destaco a abertura com belíssima fala do professor Kabengele Munanga. Esse nos brindou com a descolonização das ideias, eurocêntricas e racistas diante da diáspora africana no mundo. Para ele, é preciso compreender a realidade para que possamos propor e construir outros trabalhos diferentes com a filosofia africana, com o objetivo de promover relações étnico-raciais equânimes, para que consigamos uma educação antirracista. Como resultado, estamos conseguindo uma legitimidade epistêmica, por superarmos as teorias de pensamento eurocêntrico que forjaram muitos dos registros que ainda tendem a reproduzir como preconceções aprioristicamente verdadeiras nos livros didáticos das ciências em geral. Isso porque o currículo passou a ser construído já há algum tempo pelos seus legítimos atores, pais, alunos, funcionários, a comunidade e pelos movimentos sociais; no caso do Brasil, pelo movimento negro.

² FERRACINI, Rosemberg. **A velha roupa colorida: Brasil e África na Geografia escolar**. Geografia Ensino & Pesquisa, [S.l.], p. 1-9, ago. 2018.

O Colóquio foi composto em suas atividades com as seguintes mesas: *O papel das instituições na construção de uma educação decolonial e afrocentrada, Tradução e ensino de Línguas estrangeiras em perspectiva decolonial, Experiências e práticas pedagógicas afro-decoloniais, Filosofia e ancestralidade africano-brasileira: diálogos para uma educação afrocêntrica com pesquisadores africanos e africanistas de diversos países*. Os grupos de trabalhos foram: I) Oralitura afro-diaspórica no ensino (Práticas Didáticas Múltiplas) (22), II) Diversidade cultural, interculturalidade e ensino (22), III) Experiências no ensino da África e suas diásporas (19) e IV) África e a afro-américa nos currículos escolares (18). Juntamente com os professores Sébastien Lefrève e Érika Bastos Arantes, coordenei o grupo de *África e currículos*. Em nossas conversas com os participantes e demais colegas, percebemos que os relatos evidenciaram uma grande satisfação em apreender com as trocas e no debate pela luta antirracista, mas também nos conflitos das ideias e posicionamentos.

Aliado à minha apresentação, pude perceber que as disciplinas escolares vêm construindo novos significados por diversas linhas de comunicação com a academia. A presença das falas de alunos e professores redefiniu a geopolítica na construção do conhecimento. Os atores do ensino médio e fundamental atuaram dando voz às mudanças com a narrativa da disputa do poder e conhecimento. Desse modo, a participação ativa dos alunos e professores no Estágio Supervisionado e nas Práticas de Ensino promove significado ao chamado conhecimento. Assim, os diálogos entre academia e escola trouxeram a realidade para o universo do aluno, dando legitimidade ao cotidiano escolar. As trocas passaram pela possibilidade em aproximar as diferentes realidades, do cotidiano dos educadores e comunidade. Por isso, digo que é preciso pensar na responsabilidade e legitimidade do conjunto da escola nos dizeres de África e da população africana, negra e afrodiapórica. Afirmo, também, que a escola foi posta por ela mesma. São os próprios atores transformando a realidade, construindo novos significados, por ela própria.

Para tanto, penso que o grande desafio da Práxis educativa é unir o pensamento acadêmico e escolar; promover a valorização do conhecimento prévio do aluno, seguindo os passos e objetivos na aprendizagem. É necessário aproximar a comunicação entre os diferentes atores e disciplinas envolvidas, temas que fazem parte da vida do professor e educando. A prática docente nos faz pensar sobre o conhecimento de África construído historicamente. Como esse continente e sua população foram construídos pela ótica europeia. Hoje temos um cabo de força entre racismo legitimado, disfarçado na omissão de temas, por exemplo, o conteúdo pedagógico/didático escolar ou acadêmico e a ocultação de temas relevantes ao debate e os dilemas ambientais com as multinacionais extratoras de recursos naturais presentes no Brasil e nos países africanos. Posso dizer que o grande desafio do Colóquio é dar voz, cada vez mais, à escola e seus atores, com a finalidade de construir cada vez mais, diálogos sobre educação étnico-racial em prol de

materiais didáticos, textos, aulas e cursos de formações que abarquem o tema. Por esse mesmo caminho, é preciso envolver o protagonismo do movimento negro e dos estudos africanos para contribuição e discussões na luta antirracista sem a dispensa de professores e alunos.



Foto: Carlos Sene Indjai

A fala de *Sandra Haydée Petit*³ me fez refletir sobre os avanços das últimas décadas, na importância da pretagogia decolonial inserida no ensino. Na importância em desenvolvermos práticas que dialoguem com um pensamento que possibilite visibilizar a ancestralidade africana. Por tudo isso, é necessário dar voz às histórias de personagens negros, na arte, na educação, jogos variados, brincadeiras, exercícios plásticos e nas oficinas. Ainda, precisamos cada vez mais reforçar a arte como instrumento de educação, seja pelo Maculelê, a Capoeira, o Coco de Roda, o Jongo e demais práticas que promovam a educação para as relações étnico-raciais com responsabilidade. Nas atividades, é necessário trazer os participantes para o respeito à diferença racial e cultural brasileira, atizar a curiosidade de crianças, jovens e adultos, estimulando com histórias e contos que tenham personalidades negras.

No conjunto de aprendizagens e ideias, o Colóquio foi marcado por lançamento de livros que trouxeram ricas reflexões: *Lukenya e seu poder poderoso*, de Odara Dèlé, *O Urugungo de Cassange*, de Josivaldo Pires de Oliveira e *Ominíbu: maternidade negra em um defeito de cor*, de Fabiana

³ PETIT, S. H. **Pretagogia: Pertencimento, Corpo-Dança Afroancestral e Tradição Oral Africana na Formação de Professoras e Professores**. 1. ed. Fortaleza: EdUECE, 2015. v. 1. 261p.

Carneiro da Silva. Para não finalizar, retorno a fala do mestre de todos nós, na luta contra o racismo, professor Kabelenge, em que a África toda não é a mesma coisa, mas tem muitas semelhanças e experiências em comum que os participantes do Colóquio podem ressaltar e conversar. Portanto, devemos e podemos sair do lugar comum e evitar análises rasas e preconceituosas, que naturalizam os diferentes temas políticos, econômicos e culturais. Logo, o enfoque multidisciplinar abre-se como possibilidade explicativa e necessária para esse debate, para uma sociedade mais justa, para a construção de um mundo antirracista. Como registrado no título somos sempre aprendizes e alunos na construção do conhecimento. Destarte, fica o convite para essa empreitada, para 2021, em Cabo Verde, axé.



Rosemberg Ferracini

Doutor em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (USP). Professor na Universidade Federal do Tocantins, UFT/Porto Nacional, membro do Laboratório de Práticas e Metodologias de Ensino de Geografia (LEGEO) e Núcleo de Estudos Afro-Brasileiro (Neab) UFT.